



Carlos Plastino\*

## Elementos para uma antropologia além do patriarcado

Para além de sua grande importância na teoria e na clínica psicanalítica, a obra de Donald W. Winnicott contém uma importante e original contribuição para a construção de concepções teóricas, capazes tanto de superar os pressupostos milenares do patriarcado quanto a reformulação desses pressupostos operada pelo imaginário moderno. Como tentarei mostrar a seguir, as descobertas clínicas do mestre inglês, bem como os conceitos que as exprimem e organizam no nível da teoria, contrapõem-se aos pressupostos centrais das concepções modernas, fornecendo elementos para a construção de concepções antropológicas, ontológicas e epistemológicas mais sintonizadas com os resultados das ciências e saberes contemporâneos, além de afinadas com a significativa decadência do imaginário patriarcal ao longo do século XX. Com os limites de espaço próprios de um artigo, pretendo esboçar as questões que considero importante discutir no intuito de contribuir para a sempre necessária renovação da teoria psicanalítica. É importante assinalar que, pela sua própria complexidade, essa abordagem precisa ser precedida pela discussão – mesmo que sumária – das características específicas da teoria psicanalítica e de seu processo de elaboração. Tal discussão é importante para a compreensão da complexa e profunda relação que a obra de Winnicott guarda com o trabalho do criador da psicanálise, relação caracterizada tanto pela sua enfática reivindicação da filiação freudiana, quanto pela crítica explícita que formula às construções metapsicológicas de Freud.

\* Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

“Permitam-me dizer de saída”, escreve em 1967, “que a maioria de meus conceitos deriva dos de Freud” (1967/2011, p. 4). Para entender o significado dessas afirmações, convém lembrar que, além de ser uma prática terapêutica, a experiência clínica é também uma experiência de conhecimento. Freud alicerçou sua experiência clínica sobre a escuta do outro, aprendendo nessa escuta a valorizar a participação da fantasia no sofrimento de cada paciente e na singularidade desse sofrimento. Embora o período histórico ainda exigisse que todo conhecimento tivesse que apresentar-se como “científico” para ter a chancela de validade, era evidente que a “nova ciência” da psicanálise diferia radicalmente das concepções das denominadas ciências positivas. O objetivo que subjaz à criação da ciência moderna é conhecer o funcionamento do mundo material. A crença na vigência universal das relações de determinação sustentou a crença na possibilidade de submeter a totalidade do real ao conhecimento científico, ao mesmo tempo em que a eficiência demonstrada pela ciência moderna, ao longo do processo que levou à revolução industrial, facilitou a difusão da crença de que se tratava do único saber legítimo. Nesse contexto, conhecer um objeto equivalia a descobrir suas determinações. Essa estratégia de conhecimento, válida para um setor da realidade regido pelo princípio de determinação, desconsiderava as características singulares dos indivíduos e a especificidade dos conhecimentos sobre o homem. Excludente e totalitária, tal concepção do conhecimento forjada pela modernidade é indissociável da onipotência que sustenta a concepção racionalista do ser e da vida. No contexto da perspectiva patriarcal, caracterizada pelas ideias de conflito e dominação, essa concepção do conhecimento alicerçou o desenvolvimento da atitude predatória do homem moderno.

Essas rápidas considerações sobre a ciência moderna e seu modo de operar visam tornar evidente a sua diferença com as práticas que constituíram o cenário de emergência da experiência psicanalítica e de sua teorização. Trata-se de uma experiência que privilegia a expressão da *singularidade* do indivíduo, e o faz no contexto de uma relação intersubjetiva que substitui o par “sujeito” e “objeto” de conhecimento. Os fatores afetivos são centrais nessa relação intersubjetiva, tanto em seu aspecto terapêutico quanto epistemológico. O que se desenvolve na clínica psicanalítica é um saber *compreensivo* que, à diferença dos conhecimentos *explicativos*, não trabalha com relações de determinação, mas procura a compreensão das singularidades através de processos de apreensão de sentidos, de diversas maneiras, comunicados no relacionamento intersubjetivo. Se “explicar” é atribuir uma ou mais causas a um efeito, compreender é olhar um “objeto” – na verdade um sujeito<sup>1</sup> – “por todos os lados”. Trabalhando com a singularidade, a fantasias e a criatividade, a teoria e a prática psicanalíticas lidam com a enorme complexidade do fenômeno humano.

1. Assinala V. Bonaminio (2010) que, na psicanálise, o termo “objeto” designa na realidade um “sujeito”. O uso do termo “Objeto” foi introduzido por Freud para nomear o que era visado pela “pulsão”. Com a introdução da teoria das relações de objeto, operou-se um deslizamento na significação do termo.

Esta complexidade simplesmente não cabe nos limites ontológicos e antropológicos supostos pelo iluminismo materialista e racionalista.

### A filiação freudiana

A filiação freudiana reivindicada por Winnicott refere-se à prática clínica, cujos fundamentos remetem às descobertas operadas por Freud na sua experiência clínica e se exprime nos conceitos mais próximos dela, como inconsciente, transferência e contratransferência. Refere-se ainda ao protagonismo do inconsciente no processo terapêutico e à centralidade da dinâmica afetiva, tanto nos processos psíquicos inconscientes quanto na relação intersubjetiva do par analítico. Inclui ainda a compreensão da etiologia das psiconeuroses e sua relação com a dinâmica edípica, assim como as técnicas de associação livre e atenção flutuante, e ainda a prática interpretativa como ferramenta central do trabalho analítico no tratamento das psiconeuroses. A importância dessa filiação reivindicada por Winnicott, não exclui, todavia, a introdução de inovações clínicas e técnicas, além do desenvolvimento de fortes divergências com relação à clínica ortodoxa. A extensão da prática clínica a modalidades de sofrimento emocional enraizadas no período primitivo do desenvolvimento emocional tornou evidente para Winnicott que as experiências iniciais da vida não podiam ser compreendidas no contexto descoberto e teorizado por Freud a partir do tratamento das psiconeuroses. Habitando ainda o mundo da necessidade, o bebê – ou o paciente regredido – lida com uma dinâmica definida pela dependência absoluta e a premente necessidade de acolhimento no contexto da relação primária, e não – como é o caso das psiconeuroses – pelo desejo, a sexualidade<sup>2</sup> a ambivalência, o conflito, a repressão e a culpa. Na base do sofrimento desses pacientes não se encontram conteúdos recalcados que caberia interpretar no contexto das relações transferências. Nesse cenário a ferramenta da interpretação perde efetividade e centralidade, devendo ser substituída por uma conduta terapêutica que privilegia a proximidade e o acolhimento.

Winnicott continuou a reivindicar sua filiação freudiana até o final de sua vida, sem no entanto minimizar ou ignorar suas grandes diferenças com a “psicanálise ortodoxa”. Com toda simplicidade escreve “Nunca fui capaz de seguir ninguém, escreve, nem mesmo Freud” (Winnicott, 1962/1983a, p. 161). Destacava a enorme significação da descoberta do Édipo para a compreensão e tratamento das psiconeuroses, mas o profundo conhecimento que adquirira sobre a importância do período primitivo de desenvolvimento emocional, e a importância do ambiente nesse período e no resto da vida – inclusive na vivência do Édipo –, levaram-no a repensar o papel do drama edípico, afastando-se decididamente – como se verá – dos pressupostos do imaginário patriarcal que dominam a reflexão freudiana.

2. Isso não significa que Winnicott ignore a existência da sexualidade infantil, nem seus impactos sobre a vida emocional. Entretanto, repensando-a na perspectiva do desenvolvimento emocional, elaborou uma nova maneira de considerá-la. Nessa, a descoberta de Freud em torno da sexualidade ampliada é reconhecida, mas sua caracterização como fundamento de toda a vida psíquica é contestada. Para o aprofundamento desta rica e importante questão, ver Lejarraga (2015).

### A construção de um “teto”: a metapsicologia

Embora a afirmação segundo a qual a experiência clínica constitui a fonte da qual emerge o saber elaborado pela psicanálise decorra das características da própria experiência, na transmissão da psicanálise não é incomum que esse papel seja ofuscado pela importância atribuída à metapsicologia, apresentada como um saber dogmático. Nesses casos, a teoria psicanalítica é transmitida com a enganosa aparência de um conhecimento alicerçado sobre aquela estrutura especulativa. É importante diferenciar entre os métodos de pesquisa que derivam na produção de um saber, e os métodos de exposição do conhecimento obtido. A metapsicologia representa inegavelmente a elaboração de maior nível de abstração do saber elaborado pela psicanálise. Mas isso não faz dela seu *fundamento* ou *fonte*. Essa fonte é a experiência clínica, como mostra a história do processo de formulação de conceitos e teorias regionais. Freud estabelecia uma nítida separação entre, de um lado, a teoria – que considerava quase uma transcrição da experiência na teoria –, e do outro lado, a teoria metapsicológica. A essa última – que considera especulativa e provisória – atribui o objetivo de complementar as teorias que “são expressão direta da experiência, através de hipóteses aptas para dominar o material e que se referem a questões que não são suscetíveis de observação direta” (Freud, 1925 [1924]/1986i, p. 31).

Após abandonar a tentativa de “reduzir os processos psíquicos a estados quantitativamente comandados por partes materiais comprováveis” (Freud, 1950 [1895]/1986j, p. 339), a correspondência de Freud com W. Fliess, seu interlocutor desse período inicial, mostra-o incomodado pelo fato de que *sua psicologia* tenha ficado “no ar” (Masson, 1986, p. 327), utilizando essa expressão para designar suas dificuldades para encontrar uma base material que sustentasse os processos anímicos que descobria em sua clínica, como é notoriamente o caso do recalque. Formula essa queixa ao comunicar sua decisão de abandonar a tentativa de escrever *Uma psicologia para neurologistas*, decisão motivada pela impossibilidade de justificar a existência no psiquismo de fatores de ordem *qualitativa* – como os que protagonizam o processo de recalque – à partir de fatores de natureza *quantitativa* (Masson, 1986, p. 142). Freud tinha empreendido essa tentativa em obediência ao pressuposto materialista da ontologia da modernidade, pressuposto segundo o qual os processos psíquicos eram necessariamente produto da realidade material, encontrando neles sua origem. O fracasso do “Projeto” foi o fracasso da tentativa de inserir sua descoberta sobre os processos psíquicos inconscientes na concepção materialista dominante. Esse momento inicial da saga teórica de Freud foi seguido pelo reconhecimento, no capítulo VII de *A Interpretação dos sonhos* (Freud, 1900/1986g), da existência da realidade psíquica, “uma forma particular de existência que não deve confundir-se com a realidade material” (p. 607)<sup>3</sup>. Embora essa

3. Na verdade, como estabelece a nota 11, a frase citada não constava da primeira edição de *A Interpretação dos sonhos*, tendo sido incorporada na edição de 1909 e, na forma citada, na de 1919. Esse processo, creio, ilustra a evolução do pensamento de Freud e sua luta entre suas crenças herdadas e suas descobertas clínicas.

afirmação revolucionária contrarie frontalmente a concepção materialista dominante, ela não leva Freud a abandonar suas convicções herdadas. Pelo contrário, ilustrando sua dificuldade para se desvencilhar das crenças do cientificismo da modernidade (materialismo, cientificismo, empirismo), a afirmação da existência da realidade psíquica como diferente da material, convive nele com a expectativa – remetida para um futuro indefinido – de que fossem encontrados os fundamentos materiais dessa realidade. É nesse contexto que ele inventou a metapsicologia, tomando o cuidado de afirmar não ser ela a *base* da teoria psicanalítica, mas sua *superestrutura*. Como tal, a considera provisória e permanentemente submetida aos efeitos de novas experiências clínicas. Seria o “teto” da psicanálise, isto é um “lugar” teórico que permitisse pensar, em um nível maior de abstração, as questões “não passíveis” de observação direta (Freud, 1925 [1924]/1986i, p. 31).

Freud entendia ser esse um nível teórico necessário à elaboração da “nova ciência” da psicanálise. Para construí-lo, propõe “tomar empréstimos de ciências próximas” (Freud, 1915/1986k, p. 113), que lhe forneceria as concepções gerais necessárias para a construção e organização de seu objeto teórico. Essas ciências, entretanto, tinham sido criadas e desenvolvidas com base nas concepções básicas da modernidade, concepções que longe de serem conclusões irrefutáveis de processos de conhecimento, constituíam os *pressupostos* do trabalho científico, estabelecendo seus limites e condições. Como consequência desses “empréstimos”, os pressupostos centrais da modernidade – racionalismo epistemológico e ontológico, materialismo, determinismo e dualismos – que embasaram a construção e organização das ciências modernas, passaram a organizar também a metapsicologia freudiana. A “naturalização” dessas crenças teóricas, no contexto da hegemonia incontestada do paradigma moderno na época, isentava-as do trabalho da crítica, fazendo com que eles funcionassem na prática *como se* fossem sólidas conclusões do trabalho de conhecimento, embora constituíssem de fato pressupostos que limitavam o conhecimento tanto quanto o organizavam.

Incorporando acriticamente a ontologia materialista e racionalista da modernidade, o exclusivismo de seu racionalismo epistemológico e o dualismo de sua antropologia, Freud aprisionou sua metapsicologia ao interior das fronteiras do pensável construídas pelo imaginário moderno. Ao interior dessas fronteiras não cabia o inconsciente nem o primado dos fatores emocionais. Como consequência, sua metapsicologia entrou em rota de colisão com suas descobertas clínicas e com seus textos de teoria clínica. Dois conceitos importantíssimos da teoria psicanalítica permitem ilustrar esse processo. O primeiro exemplo se refere ao inconsciente. Embora afirmando sem ambiguidades o inconsciente como sendo o psiquismo genuíno, sua primeira elaboração metapsicológica aceita a concepção antropológica cartesiana, pensando o psiquismo (o “aparelho psíquico”) a partir da consciência, e o inconsciente como consequência de processos defensivos (Freud, 1900/1986g, p. 600). Tentando superar as dificuldades teóricas que enfrentava para pensar suas descobertas em termos de *sistemas*, ensaia uma solução propondo pensá-las em termos de *processo* (Freud,

1900/1986g). A descoberta do processo primário é um dos aspectos mais marcantes da genialidade freudiana. Funcionando na base da combinação de imagens e emoções, o processo primário não respeita a lógica identitária, sendo, no entanto, pleno de sentido. Essa revolucionária concepção, inteiramente acorde com sua concepção do psiquismo inconsciente como sendo “o psiquismo genuíno”, lança uma potente luz sobre o trabalho psíquico que embasa a produção discursiva do conhecimento. Apesar de sua importância, todavia, ela não foi recolhida nos textos epistemológicos de Freud<sup>4</sup>. Nesses, ele se alinha com a concepção mais ortodoxamente iluminista, chegando a rejeitar explicitamente qualquer papel da intuição nos processos de conhecimento (Freud, 1927/1986e). A descoberta do inconsciente e do processo primário, obtida através do trabalho sobre os sonhos, os sintomas e o atos falhos – num período de sua vida na qual Freud admite seu desinteresse pela “ciência estrita”, e através de processos no quais a intuição ocupava um papel fundamental – precisava adquirir, na opinião de Freud, uma “expressão científica”, levando-o a escrever o sétimo capítulo de sua obra fundacional. Nessa, o inconsciente é apresentado como consequência de processos defensivos, embora Freud sustente enfaticamente que ele constituía o psiquismo genuíno e primário.

Outro aspecto da teoria psicanalítica que torna explícita a incompatibilidade existente entre, de um lado, a experiência e a teoria clínica e, do outro, a elaboração metapsicológica e seus fundamentos, refere-se à problemática das emoções. A partir de suas experiências clínicas, Freud e Breuer haviam desenvolvido, ainda no século XIX, uma compreensão do sofrimento histérico quase que exclusivamente baseado em fatores afetivos (Freud, 1925 [1924]/1986i). Esse protagonismo dos afetos muda radicalmente na elaboração metapsicológica. Nessa, a consideração dos afetos sofre o impacto da concepção mecanicista da natureza (e, portanto, do corpo) própria da concepção antropológica da modernidade. Não podendo atribuir ao “corpo” nada além de “fatores quantitativos” ou “forças privadas de qualidade”, e sendo as emoções expressão do que no homem é natural, os afetos em si mesmos só consistiriam em “aspectos quantitativos”, “processos de descarga”. Recebendo seus sentidos das representações e suas significações, os afetos seriam em si mesmos insuscetíveis de sentido e, portanto, de recálque. Coerentemente com essa concepção, Freud afirma no seu artigo sobre *O inconsciente* (1915/1986l) a impossibilidade de existirem sentimentos inconscientes comparáveis a representações inconscientes (p. 173). Não foge à percepção de Freud que essa afirmação é inconciliável com a existência de sentimentos inconscientes de culpa, inequivocamente atestada pela experiência clínica, o que o leva a adiar a consideração do tema para um momento posterior, no qual a compreensão da articulação das instâncias psíquicas lhe fosse mais clara. Anos mais tarde, no artigo denominado *O Problema Econômico do Masoquismo* (Freud, 1924/1992), retificando a assimilação do “princípio de prazer” com a pulsão de morte, como

4. Me refiro a *O futuro de uma ilusão* (1927/1986e) e *A questão de uma weltanschauung* (1933 [1932]/1986a).

especulara no seu texto anterior (Freud, 1920/1986h), Freud foi obrigado a rever a concepção sobre o princípio de prazer, passando a afirmar que necessariamente devia existir nele algum fator qualitativo, que tende a identificar com Eros. Essa importante modificação teórica torna evidente as dificuldades que enfrentava para poder pensar, no contexto limitado pelos pressupostos da modernidade, a riqueza e complexidade dos denominados “fatores afetivos”. Como, com efeito, pensar os fenômenos de percepção e comunicação inconsciente, no contexto da constrangedora pobreza teórica que reduz as emoções a sua “dimensão quantitativa”? Repare-se, para avaliar o abismo que separa a concepção quantitativista dos afetos – imposta pelos pressupostos modernos encampados por Freud – e seu pensamento quando afastado dessas limitações, na sua descrição do que denomina “o saber dos poetas”, saber no qual sustenta enfaticamente a participação dos afetos nos processos de conhecimento. Os poetas, escreve, são capazes “de extrair das turbulências dos próprios sentimentos, as intuições as mais profundas” (Freud, 1930 [1929]/1986d, p. 129). Voltarei sobre essa questão na parte final deste artigo. De momento, me limitarei a assinalar o fato, bastante surpreendente, de que o autor da descoberta do processo primário não tenha percebido o gigantesco impacto de sua descoberta sobre a concepção dos processos de conhecimento. Na dimensão da realidade que constitui o objeto dos saberes sobre o homem, a participação da determinação é incomparavelmente menor do que naquela outra que constituiu o objeto do saber das ciências da matéria. Por estar dotado da capacidade de elaborar imaginativamente suas experiências, o homem é muito mais que seus genes. As características de liberdade e criatividade próprias da experiência humana tiram o ser humano do campo da determinação absoluta, introduzindo a questão fundamental da fantasia e sua participação na construção do conhecimento e da própria realidade. O que no homem é propriamente humano é passível de compreensão, não de explicação, sendo conveniente lembrar que crença no monopólio da ciência se insere em uma concepção da realidade inteiramente organizada conforme a lógica identitária. Todavia, como tornam evidente as ciências e saberes contemporâneos, o real se caracteriza pela heterogeneidade de suas formas de ser, o que torna necessário a construção de uma pluralidade de modos de conhecer. Nessa perspectiva, a crença no monopólio da ciência no conhecimento é totalitária e excludente.

O conservadorismo epistemológico freudiano lhe impediu perceber os severos limites que as crenças paradigmáticas acriticamente aceites lhe impunham na construção da metapsicologia, impedindo que essa acolhesse as revolucionárias consequências de suas descobertas clínicas. Ao mesmo tempo – e paradoxalmente, tratando-se do homem que havia ouvido a voz das pacientes esmagadas pela repressão patriarcal –, sua teoria incorporou importantes preconceitos patriarcais, como a concepção necessariamente conflitiva da vida social, a crença no caráter inevitável da repressão e a desvalorização dos afetos e da mulher. Por tudo isso, o abandono das construções metapsicológicas constituía para Winnicott uma condição de possibilidade, tanto para desenvolver sua experiência clínica quanto para

a elaboração da teoria construída a partir dela. Na sua correspondência com Anna Freud, ele explicita os motivos que o levaram a rejeitar a construção especulativa de Freud, arguindo que ela oferecia “uma aparência de compreensão onde tal compreensão não existe” (Winnicott, 1987/1990, p. 51). De fato, como poder pensar a enorme riqueza do desenvolvimento emocional primitivo, no qual as formas primitivas de vida psíquica são indissociáveis do corpo e das relações ambientais, no contexto do modelo especulativamente construído por Descartes e encampado pela metapsicologia freudiana? Ou como pensar aquilo que no ser humano é natural, no contexto da pobreza abissal que reduz a complexidade da vida à simplicidade do funcionamento das máquinas?

### A experiência winnicottiana

Foi também a experiência clínica que levou Winnicott a reconsiderar o campo de aplicabilidade do complexo de Édipo. Não questionava a importância da descoberta de dito complexo por Freud para a compreensão dos sofrimentos psiconeuróticos, relativizando porém sua centralidade ao equipará-la em importância com a descoberta da posição depressiva por Klein. Discordava fortemente da tentativa de entender a complexidade dos momentos primitivos do desenvolvimento emocional valendo-se para tanto do quadro conceitual construído para lidar com a dinâmica edípica. Comentando a contribuição de Melaine Klein, afirma que já no seu trabalho clínico como pediatra, ouvindo as histórias contadas pelos pais sobre a história precoce dos distúrbios de seus filhos, pôde tanto confirmar a pertinência dos *insights* obtidos pela psicanálise quanto perceber as limitações que a teoria psicanalítica então vigente apresentava para a compreensão dos casos clínicos com que lidava (Winnicott, 1962/1983a). “Nos anos vinte”, rememora, “tudo tinha o complexo de Édipo no seu âmago” (p. 157). Relata que as dificuldades anteriores ao período edípico eram tratadas como regressões a pontos de fixação pré-genitais, supondo-se que sua dinâmica provinha do conflito do complexo de Édipo. Essa concepção colidia com a experiência clínica que mostrava reiteradamente a existência de dificuldades emocionais na infância mais precoce, até mesmo no período de bebês. As crianças – constatava Winnicott – podiam adoecer emocionalmente nas primeiras semanas, ou mesmo dias de vida. “Algo estava errado em algum lugar” (p. 157), conclui. Acrescenta ainda que, posteriormente, o exercício da clínica psicanalítica com crianças permitiu-lhe confirmar tanto a origem das psiconeuroses no complexo de Édipo quanto a existência de dificuldades anteriores ao período edípico e independentes deste. A experiência freudiana, como se sabe, tinha com base fundamental o tratamento de psiconeuroses de transferência, cuja etiologia, descobrira Freud, era indissociável dos avatares do complexo de Édipo. A experiência de Winnicott com bebês e suas mães, crianças pequenas e adultos regredidos, permitiram-lhe lidar com o processo de *constituição* das subjetividades com pacientes que tinham sofrido percalços importantes no período primitivo de seu desenvolvimento emocional. Tais pacientes não haviam se constituído como “pessoas

totais” – pensa Winnicott –, não tendo tido em consequência verdadeiro acesso às relações triangulares e a suas relações de ambivalência afetiva, conflito, repressão e culpa. Passa então a pensar o complexo de Édipo como um momento mais tardio do desenvolvimento emocional, precedido por um período mais primitivo, de constituição egoíca, período primitivo que abrange tanto a constituição do narcisismo quanto sua limitação no desfecho da posição depressiva. O complexo de Édipo continua sendo central para a compreensão da etiologia das psiconeuroses, porém nada significava para aqueles que, sofrendo um fracasso severo no seu processo de constituição egoíca, sequer chegavam a vivenciar, genuinamente, a dinâmica própria do complexo de Édipo. Para Winnicott, ao contrário do que afirmara Freud, não são todas as pessoas que chegam a confrontar-se com o drama edípico, mas apenas aquelas que atingem um mínimo de sucesso no seu desenvolvimento emocional primitivo.

É importante neste ponto da reflexão aludir, mesmo que sumariamente, à questão epistemológica implícita no processo de trabalho clínico e teórico winnicottiano. A comunicação entre inconscientes e o primado dos processos afetivos não eram certamente ignorados por Freud. Sua definição da “atenção flutuante” não deixa dúvidas a esse respeito: o analista, escreve o fundador,

se abandona à sua própria atividade mental inconsciente, evitando no possível a reflexão e a formação de expectativas conscientes, não pretendendo registrar particularmente na sua memória nada do escutado, assim capturaria o inconsciente do paciente com o seu próprio inconsciente (Freud, 1923 [1922]/1986, p. 235).

Essas palavras exprimem bem o método freudiano, que ele associava com o já citado “saber dos poetas”. Tal perspectiva foi enormemente desenvolvida na experiência winnicottiana, tendo sido esse desenvolvimento favorecido pela aproximação que o mestre inglês fazia entre as modalidades de comunicação e relacionamento próprias das relações primitivas do bebê com sua mãe, e as que devem presidir as relações entre o analista e os pacientes cujo sofrimento se insere no processo de desenvolvimento emocional primitivo. As comunicações inconscientes em processos pautados por emoções e imagens, e o intenso funcionamento do processo primário, constituem aspectos fundamentais do processo clínico, também enquanto processo de conhecimento. É a partir desses processos que Winnicott elaborava suas teorias, reconhecendo constituírem construções, mas afirmando enfaticamente que elas “funcionavam” (Winnicott, 1965/1994, p. 94).

No contexto do desenvolvimento emocional primitivo, o conceito de narcisismo primário formulado por Freud, não fazia sentido para Winnicott, que conserva o termo, porém mudando radicalmente seu significado. Para ele, o conceito de narcisismo primário não designa um ego ilimitado, inexistente no início da vida, mas designa “o bebê mais sua mãe”, afirmando assim a impossibilidade de pensar o processo de constituição egoíca sem considerar o papel fundamental do “ambiente”. A inexistência do ego no início da vida certamente não

era ignorada por Freud. Pelo contrário, ele a afirma sem ambiguidades (Freud, 1930 [1929]/1986d), associando sua emergência com a ultrapassagem de uma situação que seu amigo e interlocutor Raymond Rolland denominara de “sentimento oceânico” (Freud, 1930 [1929]/1986d). É importante neste ponto perceber que Freud muda significativamente o sentido da expressão introduzida por Rolland. Enquanto este descrevia o “sentimento oceânico” como sendo o sentimento de “um fazer parte de todo”, Freud o entende como o sentimento de “incluir tudo”<sup>5</sup>. A diferença é significativa. O “incluir tudo”, que caracteriza o sentimento oceânico segundo Freud, seria seguido pela experiência de perda e limitação, enquanto a concepção desse mesmo “sentimento oceânico” por Rolland como sentimento de “fazer parte do todo” seria seguido por um processo de individuação, isto é, de emergência do indivíduo. Na sequência da elaboração da teoria ortodoxa, o conceito de narcisismo primário foi adotado para designar o período inicial da vida psíquica (Balint, 1969/2003). Esse desfecho foi provavelmente favorecido pelo fato do conceito de narcisismo primário articular-se perfeitamente com os pressupostos que embasam a metapsicologia freudiana, que, exprimindo a concepção básica do imaginário patriarcal, pensa a vida social em termos de *conflito*. Definindo o narcisismo primário como o componente libidinal do egoísmo, o narcisismo seria a condição normal da vida no início desta, tornando inevitável o conflito com a sociedade. Coerentemente, Freud pensa a posterior implantação do superego como um processo de diminuição do indivíduo “um triunfo da espécie sobre o indivíduo”, escreve Freud (1925/1986b, p. 275). No mesmo sentido, compara a implantação do superego com o estabelecimento de uma guarnição militar no coração de uma cidade inimiga (Freud, 1930 [1929]/1986d). Assim, embora sustentando a inexistência do ego na origem da vida, o raciocínio freudiano não se afasta da concepção central da modernidade, que postula a preexistência do indivíduo e sua inserção social através de um processo inevitavelmente conflitivo e repressivo. Freud adota assim inequivocamente uma conceição basilar do imaginário moderno e o faz na sua versão mais pessimista. A contundente formulação hobbesiana, encampada por Freud (1930 [1929]/1986d), segundo o qual o homem é um “lobo para os outros homens”, sintetiza esta crença do fundador da psicanálise.

O desenvolvimento emocional primitivo

A singularidade de sua experiência clínica, unida à liberdade de observação e pensamento tornada possível pelo afastamento dos pressupostos metapsicológicos, permitiu a Winnicott elaborar uma perspectiva diferente. Observando que os bebês com os quais lidava não possuíam ainda um sentimento de individualidade, percebe que nesse período inicial da vida os bebês vivenciam a mas simples e fundamental das experiências: *a experiência de estar sendo*. Cria, para designar esse ser que ainda deverá percorrer um longo caminho para tornar-se um indivíduo, o conceito de “psicossoma”, com o qual

5. Ver, sobre essa diferença fundamental, meu artigo “Sobre religião, espiritualidade e psicanálise” (Plastino, 2015).

designa as características fundamentais desse organismo pertencente à classe dos mamíferos, mas dotado da singular capacidade de *elaborar imaginativamente suas experiências*. Observando a indissociável relação existente entre organismo e psiquismo, corpo, imaginação e vida emocional, constata que a concepção dualista que separa corpo e psiquismo não se adequa à realidade do ser e da vida. Abandonando esse pressuposto do pensamento patriarcal e moderno, reproduzido pela metapsicologia freudiana, estabelece as condições para construir, paulatinamente, um quadro teórico que lhe permitisse pensar a extrema complexidade do processo de constituição egíca e de seus possíveis percalços. Cria assim sua teoria sobre o desenvolvimento emocional primitivo, dando forma e consistência à fórmula tardiamente enunciada por Freud e pouco desenvolvida por ele: a afirmação do primado dos fatores afetivos.

Sendo o bebê humano um organismo dotado da capacidade de elaborar imaginativamente suas experiências, ele se situa na encruzilhada entre a natureza e a cultura, inserindo-se em ambas. Esta perspectiva demonstrava a inconsistência do dualismo central que, separando e opondo natureza e cultura, organiza o imaginário patriarcal, reproduzido pelo imaginário moderno. Dito dualismo, como se sabe, postulava relações conflitivas e hierarquizadas entre ambos polos, pensando o polo da natureza como o polo a ser dominado e o da cultura como o polo dominante. A assimilação do homem à cultura e à razão e da mulher ao corpo, os afetos e a natureza, característica desse imaginário dualista, constitui o cerne da dominação patriarcal e de seus preconceitos, muitos deles inequivocamente presentes na obra de Freud. À luz de sua experiência clínica, essa construção teórica era inutilizável para Winnicott. Com relação à natureza, essa experiência demonstrava que a inserção do bebê humano nela extrapola largamente as relações de determinação material, apresentando *tendências* cuja efetiva concretização é tributária da história das relações de cada bebê com aqueles que o acolhem. Essas tendências naturais não são pensadas por Winnicott como formas normativas que engessam a existência, mas como “objetivos” da força vital. Constituem exigências do nosso ser, sendo as formas que adota resultado de um processo histórico sempre singular. A atualização das tendências naturais é assim passível de fracassar em algum grau, determinando uma situação doentia capaz de afetar o processo de constituição egoíca. Entre essas tendências próprias da natureza humana, Winnicott identifica a tendência à *integração*, isto é a conquista do sentimento e da experiência de constituir um ego corporal, forma primária do ego, segundo Freud. Identifica ainda a tendência à *personalização*, que define como sendo o sentimento de ancoragem do psiquismo no próprio corpo, e ainda a tendência à *realização*, entendida como a capacidade de diferenciar o próprio ser dos outros e do mundo externo. Nenhum desses processos, cujo conjunto sustenta a emergência do ego, tem um resultado garantido. Isso depende do agir adequado do ambiente primário nas fases primitivas do desenvolvimento emocional. Nesse ponto, insere-se o importante conceito de “preocupação materna primária”, através do qual Winnicott designa a excepcional e provisória capacidade materna durante as primeiras semanas de

vida do bebê. Essa capacidade, produto da profunda identificação da mãe com seu bebê, torna possível a experiência que denomina *mutualidade*, fundamental para o sucesso do desenvolvimento emocional primitivo. Assim, a concepção da natureza humana elaborada por Winnicott afasta-se decididamente das crenças deterministas da modernidade, inserindo o fenômeno humano numa dinâmica que tem na *historicidade* uma de suas características mais importantes. A capacidade humana de criar e se criar não é pensada como aprisionada por determinações naturais imodificáveis, como concebido por Freud (1930 [1929]/1986d) ao formular sua segunda teoria das pulsões, que considera a expressão da natureza imodificável na nossa composição psíquica.

A criatividade é central no pensamento de Winnicott, a ponto de considerá-la responsável pela emergência do sentimento de que a vida vale a pena ser vivida<sup>6</sup>. Acredita que esse sentimento fundamental – cuja precariedade, insuficiência ou inexistência subjaz a muitas das que hoje denominamos *novas patologias* – depende do fato de a criatividade fazer parte da experiência de viver. A tendência a agir criativamente é natural no ser humano, que, no entanto, precisa dispor de uma base a partir da qual operar, ou seja, do sentimento de existência conquistado pelo indivíduo. Trata-se de um sentimento, não de uma percepção consciente, enfatiza Winnicott. A conquista desse sentimento fundamental é realizada por meio da experiência de continuidade na existência, e só é possível se nada interferir, do ponto de vista do bebê, na experiência de estar sendo. É isso que torna imprescindível que o ambiente respeite a espontaneidade do indivíduo, mantendo-se em uma atitude de “adaptação absoluta”, a ponto do bebê sequer perceber sua existência. É portanto a *espontaneidade* – expressão da tendência da natureza humana à liberdade – que constitui a condição fundamental da criatividade. E posto que a criatividade é inerente ao estar vivo, sendo a maneira natural do ser humano se relacionar com o mundo, a espontaneidade e a liberdade são também próprias do viver. A criação é, então, inerente ao relacionamento do ser humano com o mundo dos objetos, mas nenhum relacionamento terá realmente sentido se não houver ali um ser. Na perspectiva de Winnicott só um existente estabelecido pode experimentar a procura e o encontro com um objeto como ato criativo. Essa é a razão pela qual, para Winnicott, o ser precede o fazer, e o “Eu sou” dá sentido ao “eu faço”. É nesse sentido que afirma não haver “Id antes do Ego”. O sentimento de ser, por sua vez, emerge da experiência em que o fazer por impulso tem predominância sobre o fazer reativo. Produto do viver espontâneo, a emergência do ser possui também papel fundamental para a saúde. Winnicott afirma que ser e sentir-se real são fundamentais para a saúde, afirmando acreditar na existência de um vínculo entre a saúde emocional individual e o sentimento de sentir-se real.

6. Os parágrafos a seguir, que sintetizam os principais conceitos elaborados por Winnicott sobre o desenvolvimento emocional primitivo, foram abordados pelo autor em diversos textos, vários deles citados na bibliografia incluída no final deste artigo. A limitação do espaço de que dispomos neste artigo não permite um maior aprofundamento dessa importante questão.

Partindo dos conceitos de saúde e criatividade que desenvolvera, Winnicott propõe uma visão da liberdade. A imperiosa necessidade dela para o ser é já evidente no processo no qual esse ser emerge. Respeitada pelo ambiente, a experiência do agir criativo possibilitará a emergência do ser e a experiência da criatividade. Se a espontaneidade for sufocada por um ambiente intrusivo, a criatividade será destruída, produzindo-se um estado de desesperança no indivíduo. O respeito pelo ambiente primário à expressão espontânea do bebê é de tal importância para o autor inglês, que ele define a *essência da crueldade* como a destruição no indivíduo daquele grau de esperança que faz sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos. É essa liberdade do impulso que faz com que a vida seja sentida como real e valendo a pena de ser vivida, conduzindo a uma visão criativa do mundo e dos objetos. A questão da liberdade foi tradicionalmente pensada junto com a necessidade de estabelecer as condições necessárias para o convívio social, o que supõe compatibilizar a liberdade dos indivíduos com a vigência de uma ética fundada no respeito da alteridade. No contexto de uma teoria antropológica que entende o homem como ser naturalmente antissocial, essa compatibilização só pode estabelecer-se com base em um processo repressivo que resulta em grave limitação da liberdade. Winnicott insurge-se contra essa concepção. Em sua perspectiva, faz parte da natureza humana uma *tendência* à emergência do *sentimento ético* (Winnicott, 1963/1983b), fundado na faculdade natural da *empatia*, atualizada no contexto de um ambiente acolhedor e amoroso, respeitoso do agir espontâneo do bebê e da criança. É nesse contexto que emergem o sentimento ético espontâneo e o superego espontâneo, que não podem ser substituídos, embora devam ser complementados pelo superego – imposto pela sociedade – estudado por Freud. Para Winnicott, então, os valores éticos que tornam o indivíduo capaz de conviver em sociedade resultam da experiência espontânea do indivíduo, e não de uma imposição da sociedade. Emergem de uma relação caracterizada pelo acolhimento amoroso, e não de uma experiência caracterizada pela ameaça e a repressão. A experiência espontânea a que se refere faz parte da experiência de conquista do sentimento de concernimento no cenário da “posição depressiva” e da resposta amorosa da mãe que não retalia a destruição operada na fantasia pelo bebê. É esse amor que sobrevive ao ataque que permite a atualização do sentimento de empatia natural no bebê humano. Foi essa compreensão que levou Winnicott (1962/1983a) a escrever que “a educação moral não é substituta para o amor” (p. 90). Em sua perspectiva, o sentimento ético forma-se em estágios muito precoces, anteriores aos estágios verbais, dependendo para isso da confiança do bebê no ambiente e nele mesmo, sustentada no acolhimento de suas tentativas de reparação que se seguem à sobrevivência amorosa do ambiente a seus ataques. A emergência do sentimento ético, no contexto da confiabilidade ambiental, leva a criança à “crença em...”, expressão com a qual Winnicott sinaliza a conquista pelo bebê da confiança no outro, em si mesmo e na natureza humana, caracterizando a superação do isolamento narcísico. A espontaneidade necessária ao processo de desenvolvimento emocional primitivo saudável desdobra-se na liberdade ao longo da vida do sujeito.

Na convergência da perspectiva historicista, da afirmação da necessidade da espontaneidade para a emergência da singularidade do sujeito e de sua criatividade, e da participação ambiental na emergência da tendência natural à solidariedade, surge a convicção de Winnicott relativa à viabilidade de cimentar a convivência social em sociedades democráticas, capazes de atender às necessidades básicas dos indivíduos, respeitar a livre expressão de suas singularidades e favorecer neles a expansão da tendência natural à empatia. Trata-se de uma *possibilidade*, viabilizada pelas características da espécie, por sua historicidade e pela tendência à criatividade e à empatia. Uma conquista difícil, sem dúvida, que exige para sua implantação a disseminação de práticas democráticas no conjunto das relações sociais. Winnicott não ignora a agressividade humana, mas critica o determinismo que ofusca a compreensão da historicidade das relações humanas e sociais. Entendendo a agressividade conforme seu sentido etimológico – movimento de andar para a frente –, pensa-a como expressão da capacidade humana de criar e fazer. Expressão da força vital que, quando barrada ou impedida de manifestar-se, tende a transformar-se em agressão e força destrutiva. Critica a desconsideração do que denomina a *bondade originária* e das consequências possíveis do desenvolvimento de modalidades empáticas de relacionamento. Em sua perspectiva, na situação de dependência absoluta – que é inicialmente a do bebê humano –, a empatia e o acolhimento oferecidos pelo ambiente constituem fatores fundamentais *para a afirmação ou a frustração do desenvolvimento desse potencial de bondade originária*.

### A problemática da fantasia

Um aspecto importante da construção elaborada por Winnicott, com forte impacto sobre a concepção ontológica, epistemológica e antropológica que é possível elaborar a partir de sua teoria, refere-se a sua compreensão do papel da fantasia. A imensa importância desta questão pode ser mais bem compreendida quando se considera a maneira como a fantasia foi considerada na história de ocidente. No alvorecer do pensamento racionalista grego e no contexto da ontologia essencialista construída pelo pensamento platônico, a dominância do determinismo excluiu a possibilidade de emergência do realmente novo. Como lembra Cornelius Castoriadis (1975/1976) – que utiliza o termo imaginário radical –, entendendo o ser como “ser determinado”, a concepção ontológica essencialista exclui a possibilidade de um devir portador do novo. Tendo a perspectiva do devir sido silenciada pela do ser, a fantasia foi pensada necessariamente como um elemento nocivo, ameaçando a hegemonia das essências eternas e imutáveis que estruturavam o ser e a vida dos homens. No contexto desse pensamento ontológico, não é surpreendente que no seu Diálogo sobre a República, Platão considere necessário excluir da cidade os poetas – esses fazedores de fantasias, esses criadores. Nesse contexto, e por longo tempo, o imaginário (ou a fantasia) designou o resíduo da percepção, isto é, aquilo que pode ser lembrado ao evocar uma percepção. Foi um grande mérito de Freud compreender o papel das fantasias no adoecimento de seus pacientes. Entretanto, e como ha-

via acontecido com outras grandes descobertas que fizera em sua prática clínica, não avançou na compreensão de seu significado para além das fronteiras permitidas pelos pressupostos fundamentais do paradigma moderno. Limitou-se a pensar a fantasia no registro da patologia, como expressão da dificuldade de aceitar as imposições da realidade. Sua própria definição do “saber dos poetas”, na qual associa com propriedade a participação combinada de fantasias e emoções nos processos de criação, descoberta e pensamento, não o levou a aprofundar sua reflexão sobre a fantasia. Assim, coube a Winnicott descobrir e teorizar o extraordinário papel da fantasia nos processos de criação, descoberta e pensamento. Em um desenvolvimento extraordinariamente fecundo da compreensão do processo primário nos processos de pensamento, Winnicott pesquisou as modalidades de processamento do real utilizado numa fase que precede a face discursiva, destacando a centralidade de imagens e emoções nos processos de produção e compreensão de sentido. Freud descobriu o “processo primário” ao estudar as psiconeuroses e os sonhos. Nesses, dito processo foi estudado como produto da transformação dos pensamentos do sonho – cuja forma é o processo secundário – no conteúdo manifesto dos mesmos, isto é, como consequência do “trabalho do sonho” (Freud, 1900/1986g). Nessa primeira elaboração, portanto, o processo primário é compreendido por Freud como o produto de um processo de degradação do processo secundário, característico do pensamento de vigília. Em um momento posterior de sua obra, contudo, à medida que avançava na sua compreensão da imensa complexidade do inconsciente, Freud passou a considerar o processo primário também como processo primeiro, tanto na vida da espécie, quanto na de cada indivíduo e cada ato psíquico. Embora inteiramente coerente de sua compreensão do psiquismo inconsciente como sendo o psiquismo genuíno, essa compreensão não foi considerada por Freud para pensar a questão epistemológica. Como assinalado acima, nesse tema manteve-se rigidamente ancorado aos pressupostos iluministas, ignorando suas próprias descobertas. A abordagem winnicottiana é radicalmente diferente. “A fantasia”, escreve, “é mais primária que a realidade” (Winnicott, 1945/2000, p. 228), afirmando a participação da fantasia nos processos de conhecimento<sup>7</sup>. Considera que as fantasias – tanto as individuais como as coletivas – sempre permeiam nosso relacionamento com

7. A participação do processo primário no processo de pensamento é claramente descrita por Einstein (citado por Laborde-Nottale, 1990/1992): “as palavras e a linguagem, em sua expressão oral ou escrita, parecem não fazer parte do mecanismo do meu pensamento. As entidades psíquicas que parecem servir como elementos do pensamento são certos signos e imagens, mais ou menos claros, que podem ser reproduzidas e combinadas “voluntariamente”. [...] tomado de um ponto de vista psicológico, esse jogo combinatório é, aparentemente, a principal característica do pensamento produtivo, antes que se estabeleça qualquer ligação com uma construção lógica em palavras ou outros signos comunicáveis para outros. Os elementos mencionados anteriormente são, no meu caso, de tipo visual, e em algumas pessoas são musculares. Somente em uma segunda etapa, as palavras ou outros signos convencionais devem ser dificilmente descobertos, quando o jogo de associação foi suficientemente estabelecido e pode ser reproduzido à vontade” (pp. 158-159). A diferenciação dos processos primário e secundário de pensamento, e o protagonismo do primeiro nos processos de criação teórica, dificilmente poderiam ter sido descritos de forma mais clara. É importante lembrar que a genial descrição da atenção flutuante acima reproduzida, feita por Freud, aproxima-se no fundamental dessa concepção.



a realidade externa, possibilitando uma relação criativa com o mundo dos objetos. “Objetividade”, escreve, “é um termo relativo, porque aquilo que é objetivamente percebido é, por definição, até certo ponto, subjetivamente concebido” (Winnicott, 1971/1993, p. 61). Criação de novas formas e conhecimento se confundem num processo no qual, por meio do processo primário, apreendemos “algo” da realidade externa, criando posteriormente uma forma, já seja através da criação artística ou do processo discursivo. Essa concepção colide obviamente com o realismo ontológico da modernidade, e certamente Freud teria tido sérias dificuldades para admiti-la. Mas ela é próxima da que subjaz à concepção das relações entre o sujeito de conhecimento e a forma da realidade que estuda, presente em diversas vertentes do pensamento contemporâneo. Entretanto, se nossa maneira de ver a realidade externa é sempre mediada por nossa fantasia, pergunta-se Winnicott, o que diferencia nosso pensamento do pensamento dos psicóticos? Responde que a diferença reside no fato de que os não psicóticos aprendemos com a experiência a diferenciar as fantasias que funcionam na vida real das que não funcionam, reservando estas últimas para os campos da religião e da atividade artística. Nossa capacidade de fantasiar é, assim, indissociável de nossa capacidade de criar, sendo oportuno lembrar aqui que a criatividade, para Winnicott, constitui uma específica maneira de relacionar-se com a realidade externa, sendo o oposto a *submissão*.

Embora não compartilhe do pessimismo freudiano nem das considerações do fundador da psicanálise sobre a inevitabilidade do mal-estar na vida social, Winnicott não desconhece que a vida não é fácil. Sua divergência fundamental é com o determinismo freudiano e com os pressupostos patriarcais encampados por Freud, o que o leva a discordar da crença na existência da pulsão de morte, que compara com a doutrina do pecado original. Reconhece a agressão, mas a considera o resultado em algum grau inevitável das frustrações experimentadas, e não o produto de uma pulsão natural de destruição. Afirma que em diversos momentos da vida humana – como, por exemplo, a experiência do drama edípico – o que é “normal” é a existência do conflito, definindo a saúde psíquica não pela ausência de mecanismos de defesa mas pela sua flexibilidade. Considera que a administração da ambivalência afetiva é uma tarefa para toda a vida, mas não compartilha da crença freudiana da inevitabilidade da infelicidade. Enfatizando a responsabilidade do ambiente, pensa ser possível a transformação do sentimento de culpa em sentimento de responsabilidade (concernimento). Sua perspectiva torna possível pensar que a questão da felicidade humana e do sentido da vida não podem ser compreendidas apenas através do conceito de “prazer”, devendo sê-lo no contexto da dupla inserção natural da vida humana: na natureza, por meio da atualização criativa das tendências naturais, e na cultura, pela sua criatividade natural e pela enorme significação do ambiente na sua constituição e desenvolvimento. O sentido da vida depende, nessa perspectiva, do respeito à singularidade e ao viver espontâneo de cada indivíduo, o que só é possível em sociedades livres e democráticas. O significado é uma produção coletiva que organiza um conjunto de representações que, em determinado momento histórico, fornece respostas aceitas como crenças pelo

coletivo, constituindo o *significado da vida*. As “grandes narrativas” cumpriram historicamente esse papel. Os significados são, assim, construções históricas contingentes. O sentido da vida está relacionado com a inserção do homem na natureza, com a atualização criativa de suas tendências naturais e com a inserção criativa e solidária no coletivo humano. O sentido da vida não depende então de se ter respostas sobre questões fundamentais. Trata-se de uma experiência emocional indissociável da experiência subjetiva de criar a própria subjetividade, vivenciando ao mesmo tempo o pertencimento à natureza e ao coletivo humano. Ultrapassando a concepção individualista do homem e o conflito pretensamente insuperável de cada indivíduo com a sociedade, Winnicott sustenta a radical singularidade de cada ser humano e de seu potencial criativo. Essa singularidade, todavia, é indissociável de sua inserção no coletivo a partir do qual se constitui. Na perspectiva ontológica, o pensamento de Winnicott abandona a metáfora mecanicista que tanta influência tivera no pensamento de Freud, desenvolvendo uma concepção *vitalista*. É nesta perspectiva que se inscreve sua concepção de “tendências”, bem como a compreensão da dinâmica fundamental da vida humana, que denomina de “*espontaneidade*”. Para concluir essa apertada síntese, gostaria de sublinhar que Winnicott foi fundamentalmente um clínico, razão pela qual as concepções acima expostas, surgem na sua escrita como reflexões diretamente inspiradas pela experiência, e não como aplicação de suposições teóricas.

## Resumo

Embora se declarando discípulo de Freud e afirmando que aqueles que trabalhavam na clínica deviam tudo a ele, Winnicott rejeita a metapsicologia elaborada pelo fundador da psicanálise. Essa aparente contradição é diluída quando se considera o processo de elaboração da teoria psicanalítica, diferenciando claramente as grandes descobertas de Freud em sua prática clínica da metapsicologia que construiu – como Freud enfatizou – uma superestrutura temporária e especulativa. Atravessada por pressuposições ontológicas, epistemológicas e antropológicas do patriarcado e da Modernidade, tal superestrutura entra em contradição com as descobertas fundamentais da própria psicanálise, empobrecendo a sua radicalidade. Discutindo essa problemática fundamental, o artigo propõe que, ao liberar-se das amarras da metapsicologia, a teoria elaborada por Winnicott contém os elementos que fundamentam a elaboração de uma concepção antropológica capaz de superar as pressuposições milenares do patriarcado e sua reformulação pelo imaginário moderno.

**Descritores:** *Metapsicologia, Patriarcado, Pressuposições. Candidato a descritor: Imaginário moderno, Concepção antropológica.*

## Abstract

Although he declared allegiance to Freud and claimed that clinicians owed this latter everything, Winnicott rejects the founder of psychoanalysis’ metapsychology. This seeming contradiction dissolves when one considers how psychoanalytic theory was developed,

clearly distinguishing the great discoveries made by Freud in his clinical practice from the metapsychology that is, as Freud emphasized, a provisional and speculative superstructure. Linked to patriarchal and modern ontological, epistemological, and anthropological assumptions, this superstructure collides with the crucial discoveries made by psychoanalysis itself, impoverishing their radicality. In discussing this crucial issue, this article proposes that, inasmuch as it frees itself from the straitjacket of metapsychology, Winnicott's theory contains the elements that underlie the development of an anthropological conception that would overcome the patriarchal age-old assumptions, as well as their reformulation by modern imaginary.

**Keywords:** *Metapsychology, Assumptions, Patriarchy. Candidate keyword: Modern imaginary, Anthropological conception.*

## Referências

- Balint, M. (2003). *Le défaut fondamental*. Paris: Payot. (Trabalho original publicado em 1969).
- Bonaminio, V. (2010). *Nas margens de mundos infinitos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Castoriadis, C. (1976). *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1975)
- Freud, S. (1986a). 35ª. conferencia: En torno de una cosmovisión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 22, pp. 146-168). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1933 [1932])
- Freud, S. (1986b). Algunas consecuencias psíquicas de la diferencia anatómica entre los sexos. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 259-276). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925)
- Freud, S. (1986c). Dos artículos de enciclopedia: Psicoanálisis y Teoría de la libido. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 227-254). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1923 [1922])
- Freud, S. (1986d). El malestar en la cultura. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 57-140). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1930 [1929])
- Freud, S. (1986e). El porvenir de una ilusión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 21, pp. 1-56). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1986f). Esquema del psicoanálisis. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 23, pp. 133-209). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1940 [1938])
- Freud, S. (1986g). La interpretación de los sueños (segunda parte). In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1986h). Más allá del principio de placer. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 18, pp. 1-62). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1986i). Presentación autobiográfica. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 20, pp. 1-70). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1925 [1924])
- Freud, S. (1986j). Proyecto de psicología. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 1, pp. 323-461). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original escrito en 1950 [1895])
- Freud, S. (1986k). Pulsiones y destinos de pulsión. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 105-134). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1986l). Lo inconciente. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 153-214). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1992). El problema económico del masoquismo. In J. L. Etcheverry (trad.), *Obras completas* (vol. 19, pp. 161-176). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1924).
- Laborde-Nottale, E. (1992). *La videncia y el inconsciente*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1990)
- Lejarraga, A. L. (2015). *Sexualidade infantil e intimidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Masson, J. M. (ed.). (1986). *A correspondência completa de S. Freud e W. Fliess, 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago.
- Plastino, C. (2015). Sobre psicanálise, religião e espiritualidade. *Trieb*, 14(1-2), 31-73.

- Winnicott, D. (1983a). Enfoque pessoal da contribuição kleiniana. In I. C. Schuch Ortiz (trad.), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1962)
- Winnicott, D. (1983b). Moral e educação. In I. C. Schuch Ortiz (trad.), *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D. (1990). *O gesto espontâneo*. São Paulo: Martin Fontes. (Trabalho original publicado em 1987)
- Winnicott, D. (1994). A psicologia da loucura: Uma contribuição da psicanálise. In D. Winnicott, *Explorações psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D. (2000). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D. (2011). O conceito de indivíduo saudável. In D. Winnicott, *Tudo começa em casa* (pp. 3-22). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1967)